



Forma e função na construção FOCO SER do português por um prisma construcionista baseado no uso

Diego Leite de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

ORCID:0000-0003-0601-4131

E-mail: diegooliveira@letras.ufrj.br

RESUMO

O artigo estuda a construção *Foco Ser* como um pareamento de forma e função do português, esquematizado como [PRED SER FOC]. Para isso, utiliza a abordagem da Gramática de Construções Baseada no Uso, principalmente no que tange ao nível da estrutura informacional da sentença. A pesquisa recorre à análise qualitativa de dados coletados do *site* Corpus do Português e mostra que, do ponto de vista formal, a construção pode se combinar com um conjunto variado de outras construções do português e, com isso, focalizar um amplo conjunto de elementos. Além disso, a construção pode tanto exibir correlação modo-temporal entre o elemento predicador da sentença e a cópula, como carecer de tal correlação, caso em que a cópula ocorre sempre no tempo presente do modo indicativo. Do ponto de vista da função, a construção marca contraste, ênfase e pode focalizar recorrentemente elementos inferíveis ou inativos no discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática de construções baseada no uso; Estrutura da informação; *Foco Ser*.

Form and function in the FOCO SER construction in Portuguese: a usage-based constructionist approach

ABSTRACT

This work studies *Foco Ser* construction as a pairing of form and function in Portuguese schematized as [PRED SER FOC]. Thus, it employs the contributions of Usage-Based Construction Grammar, mainly regarding sentence informational structure. The research uses qualitative analysis of data collected from the *Corpus do Português* website and shows that, from a formal point of view, the *Foco Ser* construction can be combined with a varied set of Portuguese constructions and, therefore, focus on a broad set of elements. Furthermore, the construction can either exhibit a mood-tense correlation between the predicator of the sentence and the copula or lack such correlation, in which case the copula always occurs in the present tense of the indicative mood. From the point of view of function, the construction marks contrast and emphasis, and can recurrently focus on inferable or inactive elements in the discourse.

KEYWORDS: Usage-based construction grammar; Information structure; *Foco ser*.



1. Introdução

Neste artigo, analisamos uma construção específica da família de construções de foco do português: aquela caracterizada por Longhin (1999), Braga (2009), Pezatti (2012; 2013), bem como Braga, Leite de Oliveira e Barbosa (2013), como construção *Foco Ser*, a qual é exemplificada em (1) e (2), com dados extraídos do Corpus do Português¹:

(1) Toda criança *gosta* *é de ficar pulando* e hoje a gente pode fazer isso na academia.

(2) Depois *fiquei* *foi com vergonha alheia deles*, ora bolas.

A cópula, presente nas instâncias em itálico, ultrapassa as funções predicadoras estipuladas em construções copulativas comuns (Patten, 2010). Nos exemplos, a cópula assume uma função focalizadora, marcando o elemento sob seu escopo como parte da asserção na sentença. A expressão da proposição constante nos exemplos (1) e (2), ‘Toda criança gosta de pular’ e ‘Depois fiquei com vergonha alheia deles’, em termos lógicos, poderia prescindir da cópula. A presença da cópula *ser*, portanto, codifica uma relação pragmática, cuja principal função é marcar um termo da oração como focalizado.

A construção de foco em pauta se configura a partir da combinação entre o uso do marcador SER, inserido após o elemento predicador da sentença, e o elemento focalizado, na forma do esquema [PRED SER FOC]. Como se vê nos exemplos, essa construção pode se combinar com outras construções abstratas, para formar os enunciados concretos da língua. Em (1), se combina com uma construção transitiva indireta e, em (2), se combina com uma construção resultativa.

Neste trabalho, apresentamos uma descrição da construção Foco Ser como um tipo específico de construção da família de construções de foco do português, do mesmo modo como clivadas (do tipo “É de pular que toda criança gosta”) e pseudoclivadas (“O que toda criança gosta é de pular”), por exemplo. Aqui, o objetivo central é apresentar os resultados parciais de uma pesquisa que identifica as propriedades formais e funcionais da construção Foco Ser, descrevendo-a a partir do arcabouço teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (doravante, GCBU).

O artigo se organiza da seguinte forma: na seção 2, serão apresentados alguns pontos específicos da GCBU e como a estrutura da informação (doravante EI) é concebida nesse tipo de abordagem, com especial atenção à categoria de foco; na seção 3, serão apresentados breves comentários acerca dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa; na seção 4, a construção Foco Ser será descrita como um pareamento de forma e função, por meio de uma análise qualitativa baseada em instâncias concretas de uso, extraídas do banco de dados Corpus do Português. Por fim, na seção 5, algumas considerações gerais encerram o artigo.

¹ Todos os dados usados na análise foram extraídos da aba Web/Dialects do Corpus do português. Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>>.

2. Fundamentação teórica: GCBU e a marcação de foco

A GCBU concebe o sistema linguístico dos usuários das línguas naturais como um inventário de unidades simbólicas (doravante construções) que pareiam, por um lado, informações formais – fonológicas, morfológicas ou sintáticas – e, por outro lado, informações funcionais – semânticas, pragmáticas ou discursivas (Fillmore; Kay; O'Connor, 1988, Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001, 2022; Diessel, 2019; 2023).

A adoção de construções como uma unidade básica de análise linguística implica refutar o estabelecimento de uma fronteira discreta entre sintaxe e léxico e a concepção de derivação sintática, aspectos caros aos modelos hegemônicos de descrição gramatical. Assim, a GCBU sugere que as construções não estão organizadas na forma de uma lista, mas, pelo contrário, constituem um inventário altamente estruturado, organizado na forma de uma rede, que envolve diversos níveis de abstração, e podem se combinar umas com as outras para formar os enunciados concretos da língua (Goldberg, 2006; Diessel, 2019).

Além disso, a GCBU defende que o conhecimento linguístico é emergente, advindo da forte relação entre uso e gramática. Isso ocorre, porque a gramática resulta da associação de habilidades cognitivas de domínio geral à experiência linguística mediada pela interação social. A partir da interação entre uso e cognição, os indivíduos são capazes de abstrair o sistema linguístico, com construções representadas como nós em diversos níveis de abstração, desde um conjunto mais diretamente relacionado às instâncias de uso da língua, até atingir estágios de maior abstração das construções.

Trazendo a abordagem teórica para a interpretação da construção Foco Ser, é possível dizer que o falante abstrai um esquema do tipo [PRED SER FOC], associado a informações funcionais específicas, que envolvem o nível da EI. Esse padrão seria mais abstrato e pode estar vinculado a padrões mais específicos, estes últimos mais diretamente associados às instâncias concretas, como (1) e (2), com as quais o usuário da língua se depara no decorrer de sua vida².

No que tange ao nível da EI propriamente dito, a GCBU o caracteriza como um componente gramatical da sentença que associa forma (estruturas léxico-gramaticais) à função (representações conceptuais de estados de coisas alinhadas aos estados mentais dos interlocutores) em dada situação comunicativa. Segundo Lambrecht (1994; 2010), a EI pode ser mais bem compreendida, se observada sob três dimensões distintas: a proposicional, que considera a correlação entre pressuposição e asserção pragmáticas; a da representação mental dos referentes no discurso, a qual considera o grau de ativação dos referentes; e a dimensão das relações entre os referentes e as proposições, dimensão em que é possível identificar os conceitos de *tópico* e *foco*. Essas três dimensões serão brevemente discutidas a seguir.

Na dimensão proposicional, Lambrecht (1994) defende que só é possível considerar as noções de informação velha e nova, sobre as quais se discute amplamente na literatura, se estivermos falando de proposições, porque é no nível proposicional que as informações são

² Para os fins do presente trabalho, nos restringimos ao padrão [PRED SER FOC].

veiculadas. Nesse sentido, o estudioso faz a distinção entre pressuposição pragmática – o conjunto de proposições evocadas de forma léxico-gramatical e que o falante assume que o ouvinte já possui ou está disposto a assumir como dado ao ouvir a sentença – e asserção pragmática – a proposição expressa pela sentença que o falante espera que o ouvinte conheça em decorrência de ter ouvido a sentença enunciada (cf. Lambrecht, 1994, p. 52). Aqui é possível associar informação velha ou dada ao campo da pressuposição e informação nova, ao campo da asserção.

Na dimensão da representação mental dos referentes, cabe ressaltar a categoria de ativação dos referentes, a saber: ativo, inferível e inativo. Um referente é presumido como ativo, quando está contextualmente dado ou já foi mencionado previamente em curto período. Nesse caso, é possível fazer referências anafóricas pronominais, ou usar expressões mais definidas (ex: Eu conheço um pedreiro. *Ele* se chama Ivan.). Um referente presumido como semiativo geralmente é inferido por meio de um *frame* relacionado à informação previamente mencionada, caso em que são utilizadas comumente expressões mais definidas (ex. Meu carro quebrou. Deu problema *na bateria*). Por fim, um referente é presumido como inativo, quando o indivíduo presume que o interlocutor é capaz de identificar o referente, porém não consegue recuperá-lo através do contexto ou menção anterior, nem através de um *frame* de referência, caso em que também se usam expressões definidas, geralmente associadas a construções que contribuam para reativar o referente na representação do interlocutor (Ex: Lembra *daquela moça que encontramos no shopping e nos cumprimentou ontem?*).

Na dimensão das relações entre os referentes e as proposições, Lambrecht seleciona as categorias de tópico e foco. Tópico está correlacionado à noção de tema, o assunto sobre o qual trata a sentença. Já com relação à noção de foco, cabem algumas observações importantes para a compreensão da construção Foco Ser, objeto do presente artigo.

Vimos acima que pressuposição e asserção pragmática se diferem com relação ao que o falante espera que o ouvinte conheça em termos informacionais antes e depois de ter ouvido a sentença enunciada. Para Lambrecht (1994), o componente semântico que distingue asserção e pressuposição é justamente o foco da sentença. Para ilustrar essa definição, vamos assumir o diálogo abaixo:

- (3) a. Aonde vocês foram ontem?
b. Nós fomos **à praia**.

Ao analisarmos a sentença 3.b, podemos verificar que o enunciado evoca uma parte pressuposta, que o falante já supõe ser compartilhada com o ouvinte e que pode ser formulada como *nós fomos a algum lugar*, e uma parte não pressuposta, que o falante espera que o ouvinte tome conhecimento em decorrência de ter ouvido a sentença e que pode ser formulada como *o lugar aonde nós fomos pode ser identificado como 'à praia'*. Considerando a relação entre pressuposição e asserção, pode-se observar que o elemento semântico que as difere é identificado como sendo *à praia*. Nesse sentido, Lambrecht sugere a seguinte formalização, que pode ser observada no exemplo 3.b retomado como 4, abaixo:

(4) Nós fomos à praia.

Pressuposição: *nós fomos a X***Asserção:** *X pode ser identificado como à praia.***Foco:** *à praia.*

Diante da formalização apresentada em 4, é possível dizer que a categoria de foco se encontra sob o escopo da asserção, sendo o ouvinte capaz de diferenciá-la do conteúdo pressuposto da sentença.

A definição de foco como o elemento que identifica uma variável X em uma pressuposição pode ser encontrada também em outras vertentes teóricas que se debruçaram sobre a EI (cf. Chomsky, 1970; Jackendoff, 1972; Prince, 1986). O diferencial da proposta de Lambrecht é que essa definição exemplifica somente uma das possibilidades de estruturação da categoria de foco. Segundo o autor, existem pelo menos três tipos de estrutura de focal nas línguas naturais, a depender de qual porção da sentença se encontra sob o escopo da asserção: a estrutura de foco sentencial, quando a sentença como um todo se encontra no escopo da asserção, carecendo de uma pressuposição; a estrutura de foco no predicado, quando apenas o predicado se encontra no escopo da asserção, e a de foco argumental, quando apenas um termo da oração (sujeito, objeto, adjunto ou outro) se encontra no escopo da asserção³. O enunciado apresentado em 3.b e cuja formalização da estrutura informacional foi apresentada em 4 configura uma estrutura de foco argumental, porque apenas um único componente sintático da sentença se encontra no escopo da asserção.

O português apresenta um conjunto amplo de construções que podem codificar a informação em uma estrutura de foco argumental, dentre as quais se destacam construções clivadas, pseudoclivadas e a própria construção Foco Ser, muitas delas descritas em trabalhos, como o de Longhin (1999), que apresenta um estudo sobre sua trajetória na língua portuguesa, estipulando que a construção tenha surgido no português no século XX⁴. Discussões sobre construções desse tipo em português, em uma perspectiva funcional, podem ser observadas também em Braga e Barbosa (2009), que buscam compreender diferenças entre clivadas, pseudoclivadas e a construção Foco Ser; Pezzati (2012; 2013), que oferece uma breve descrição funcional dessas construções; e Braga, Leite de Oliveira e Barbosa (2013), que discorrem sobre a variação no uso de construções clivadas, pseudoclivadas e Foco Ser no discurso falado. Os trabalhos em pauta oferecem descrições panorâmicas interessantes acerca da construção Foco Ser, porém sem se deter sobre ela de um modo exclusivo, uma vez que se ocupam também de outras construções da língua, em uma perspectiva contrastiva.

Assim, a despeito da existência de trabalhos que já discorreram sobre a construção Foco Ser, percebe-se a necessidade de estudos mais específicos, em perspectiva construcionista baseada

³ Para conhecer em detalhes a proposta de Lambrecht, conferir Lambrecht (2000). Para uma explicação da proposta em português, conferir Oliveira (2017), (2022).

⁴ Dos onze dados encontrados pela pesquisadora em sua investigação que abrange o português dos séculos XIII ao XX, a autora encontrou quatro entre os anos de 1926 e 1950, e sete entre os anos de 1951 e 1975.



no uso, e que se debrucem com maior escrutínio sobre a proposta de Lambrecht para a EI, contribuindo para ampliar o conjunto de conhecimentos sobre a construção em pauta.

3. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa assume caráter exploratório de base qualitativa, cujo objetivo é explorar o máximo possível as possibilidades de uso da construção Foco Ser no discurso escrito em veículos de caráter informal, primordialmente blogs e mídias sociais. O trabalho considera duas questões fundamentais: (i) a descrição da construção em termos estruturais, que envolve as propriedades formais da construção, suas possibilidades de combinação com outras construções, bem como a existência de restrições; e (ii) a descrição da construção em termos funcionais, que envolve as propriedades funcionais da construção, tais como nuances de uso e *status* dos elementos focalizados.

Para desenvolver a análise a que este artigo se propõe, recorreremos ao banco de dados Corpus do Português (Davies, 2006-2024), considerando a seção específica *Web/ Dialectos*, que foi criada em 2016 e conta com um arcabouço de um bilhão de palavras, extraído de um milhão de páginas da *web* de quatro países em que o português é língua oficial: Angola, Brasil, Moçambique e Portugal. Para a presente pesquisa, foram considerados apenas dados registrados como páginas da *web* brasileiras.

O *corpus* é detalhadamente anotado e permite uma busca tanto por palavras ou combinações totalmente especificadas ('muito', 'mesmo'; 'muito interessante mesmo'; 'O presidente assinou o decreto'), como por cadeias semipreenchidas (*ismo, para encontrar palavras que terminem com o sufixo), e até esquemas sem qualquer preenchimento ([vip-1s], para buscar verbos do modo indicativo, flexionados no presente, na primeira pessoa do singular). Para uma introdução sobre a sintaxe do *corpus*, veja <<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/help/posList.asp>>.

Ao desenvolver a estratégia de busca por dados no Corpus do Português, consideramos o esquema construcional [PRED SER FOC], concentrando-nos especificamente na sequência 'PRED SER', de modo que a posição preenchida por FOC ficasse irrestrita. Como o *corpus* é muito grande, a busca simples pela sequência PRED SER retomaria um conjunto muito grande de dados, muitos dos quais não diretamente relacionados à construção Foco Ser. Portanto, para que o tratamento dos dados fosse possível de ser realizado, restringimos a busca ao modo indicativo do predicador, flexionado nos tempos presente, pretérito perfeito e futuro do presente, nas primeiras e terceiras pessoas do singular e do plural. No que se refere à cópula SER, foram considerados o modo indicativo e os tempos presente, pretérito perfeito e futuro do presente. Como na construção Foco Ser, a cópula tende a ocorrer na terceira pessoa do singular, não foi realizada busca considerando flexão número-pessoal para a cópula. Assim, foram obtidas 36 combinações de busca, das quais somente as doze especificadas abaixo retornaram resultados consistentes com a construção, facilitando a administração do conjunto de dados analisado.



QUADRO 1. Sintaxe de busca utilizada no corpus para a coleta de dados da construção Foco Ser

Nº	Sintaxe de busca	Descrição	N	Sintaxe de busca	Descrição
1	[vip-1s] é	Verb., ind., pres., 1ª sg	7	[vis-3s] é	Verb., ind., pret. perf., 3ª sg
2	[vip-1p] é	Verb., ind., pres., 1ª pl	8	[vis-3pl] é	Verbo, ind., pret. perf., 3ª pl
3	[vip-3s] é	Verbo, ind., pres., 3ª sg	9	[vis-1s] foi	Verb., ind., pret. perf., 1ª sg
4	[vip-3p] é	Verb., ind., pres., 3ª pl	10	[vis-1pl] foi	Verb., ind., pret. perf., 1ª pl
5	[vis-1s] é	Verb., ind., pret. perf., 1ª sg	11	[vis-3s] foi	Verb., ind., pret. perf., 3ª s
6	[vis-1pl] é	Verb., ind., pret. perf., 1ª pl	12	[vis-3pl] foi	Verb., ind., pret. perf., 3ª pl

Fonte: Produzido pelo autor.

Para cada uma das doze combinações esquemáticas da tabela, selecionamos as dez combinações específicas mais frequentes e, dentro de cada combinação específica, tentamos coletar os cinco primeiros exemplos da construção Foco Ser. Por exemplo, ao usarmos a sintaxe ‘[vip-1s] é’, o Corpus retornava até cem combinações PRED É (‘tenho é’, ‘faço é’ etc.) ou PRED foi (‘teve foi’, ‘fez foi’ etc). Dessas, eram selecionadas as dez combinações mais frequentes para a observação de ao menos cinco exemplos concretos encontrados no *corpus*. Em alguns casos, dada a baixa ocorrência de exemplos de Foco Ser tanto na combinação como na quantidade de exemplos, menor número de ocorrências era observado. Ao todo, foram observadas 321 ocorrências da construção Foco Ser.

A análise formal desenvolvida considerou os tipos de construções que se combinavam com a construção Foco Ser no *corpus*, a variabilidade morfossintática do elemento focalizado, a possibilidade de variação na correlação modo-temporal entre o verbo da sentença e a cópula focalizadora, e, por fim, a possibilidade de alteração da ordem de algum dos elementos com a manutenção da leitura focal.

A análise funcional considerou as leituras de intensidade, ênfase e contraste, assim como a identificação do elemento focalizado, bem como sua ativação (no caso de ser identificável, se o referente havia sido mencionado no contexto anterior, se era inferível, se não havia sido nem mencionado, nem era inferível).

4. A CONSTRUÇÃO FOCO SER: FORMA E FUNÇÃO.

Nesta seção, a construção Foco Ser será descrita em termos de forma e função. Em 4.1, serão apresentados especificamente os aspectos formais para, em seguida, na seção 4.2, serem especificados os aspectos da função. A seção 4.3 resume os achados das duas seções anteriores.

4.1. Aspectos formais da construção

Como se observa através do esquema [PRED SER FOC], a construção apresenta obrigatoriamente um elemento predicador verbal (PRED), seguido da cópula SER, atuando como focalizador de um elemento subsequente (FOC). Todos os elementos que ocorrem nessa cadeia

exibem ordem relativamente fixa, para que a interpretação de foco argumental emerja, como nos exemplos (5) e (6).

(5) ...nunca estudei isso, eu **só sei é falar**.

(6) isso supondo que nós brasileiros fôssemos uma nação que gostasse de ler algo... **gostamos é de novela, futebol, carnaval e Big brother...**

O termo ‘relativamente’ foi utilizado acima, porque é possível observar que em construções com estrutura de predicação complexa, como as de verbo auxiliar, a cópula pode ocorrer após a construção de predicação ou intercalada entre verbo auxiliar e verbo principal, como em (7) e (8):

(7) ...se alguém mantiver contato com alguém que, comprovadamente, não seja da Terra, **vai ficar é completamente apavorado**.

(8) Você, vendo tudo isso, só pensa que **vai é ficar em casa mesmo e fazer um churrasquinho**.

No caso de construções passivas, a cópula focalizadora em posição anterior ao elemento participial foi a única alternativa observada no *corpus*. Uma questão que se coloca para o avanço futuro desta pesquisa refere-se à possibilidade e produtividade de uso da cópula focalizadora após o elemento participial, bem como se haveria restrições sobre o tipo de argumento focalizado. Observem-se os exemplos (9), do *corpus*, e (10), um exemplo inventado, com base no exemplo (9).

(9) Ele não foi xingado, ele **foi é aplaudido**.

(10) ? Ele não foi aplaudido de um modo frio, ele **foi aplaudido é de pé**⁵.

No que se refere a construções adverbiais de modificação verbal, por outro lado, no *corpus* só foram encontradas ocorrências de cópula posposta, com em (11). Outra questão de pesquisa que se coloca também para um desenvolvimento futuro é até que ponto construções Foco Ser admitem a posição da cópula intercalada entre verbo e advérbio e com qual tipo de advérbio, como em (12), um exemplo inventado.

(11) Esse promotor **gosta muito é de aparecer**.

(12) ?Esse promotor **gosta é muito/frequentemente de aparecer**.

⁵ A interrogação está sendo colocada no início da frase para indicar que o exemplo pode ou não ser aceitável, uma vez que se trata de um exemplo inventado.

Em se tratando do elemento focalizado, um amplo rol de classes gramaticais e funções sintáticas pode ocupar a posição FOC, como demonstram os exemplos de (13) a (17). Nos exemplos se observam tanto substantivos, formas nominais do verbo, advérbios desempenhando funções sintáticas variadas, de modo que, em princípio, a construção parece bastante compatível com um amplo conjunto de construções, ainda que se tenha observado a menor focalização de sujeitos e uma maior preferência pela focalização de objetos e adjuntos.

(13) quando uma coisa deixa de te fazer bem e, pelo contrário, te **faz é mal**, tem [que] largar mão daquilo mesmo.

(14) Não tem tempo ruim. Eu **quero é trabalhar e viver várias vidas em uma só**.

(15) E antes que usem meu *post* pra atacar a greve saiba que eu **acho é pouco**.

(16) Falam mal do Android, mas na verdade **tem é inveja**.

(17) **Caiu foi a sua máscara**.

Com relação à focalização de sujeitos na construção Foco Ser, vale dizer que, além de ter sido encontrado um número bastante reduzido, os exemplos identificados exibem configurações intransitivas, que admitem em outros contextos a inversão verbo-sujeito como em (17) e (18). Não foram encontrados sujeitos de construções transitivas ocorrendo na posição focal da construção Foco ser.

(18) **Não saiu foi o PAC da Saúde**, que emperrou justamente porque o governo preferiu vinculá-lo à receita extra da CPMF.

Outra propriedade importante é que o uso da cópula, como marcador de foco, pode exibir ou não correlação modo-temporal com o verbo da construção com o qual se combina. Nos casos em que não há correlação modo-temporal, a cópula ocorre sempre no tempo presente, como demonstra (19).

(19) Então o Tite **teve é méritos com isso...**

A variação na correlação modo-temporal pode sinalizar um processo de maior fixação do tempo presente para marcar foco, indicando uma possível mudança na interpretação sobre o *status* categorial desse elemento. Aliás, é possível ver exemplos como (20) e (21), em que se observa tanto a ausência de correlação modo-temporal como a ocorrência de duas cópulas, uma com função predicadora, flexionada para tempo pretérito, e a outra com função focalizadora, flexionada no tempo presente.

(20) No caso da esposa do inglês, acho que ela **foi é corajosa** de se envolver com um homem como ele...

(21) E precisamos de um novo perfil que saiba comunicar melhor as reformas de que o país tanto precisa, principalmente a previdenciária, que não foi aprovada na última legislatura, **foi é demonizada**, por falha de comunicação.

Trabalhos sobre outras línguas vêm indicando a transformação de cópulas em marcadores de foco, como ressalta Diessel (1999). Porém, para resultados mais consistentes, uma pesquisa diacrônica de viés quantitativo, com valor empírico mais sólido e associada a estudos experimentais, pode se revelar profícua para confirmar ou refutar essa hipótese para o português brasileiro.

4.2. Aspectos funcionais da construção

A construção Foco Ser, assim como um amplo conjunto de construções de foco do português brasileiro, organiza a informação por meio de uma estrutura de foco argumental, em que um dos termos da sentença se encontra sob o escopo da asserção, funcionando como o elemento capaz de diferenciá-la em relação à pressuposição. No exemplo (22), é possível observar essa organização.

(22) Eu quero ter sempre os melhores atletas com condições, sem rodar elenco, **quero é vencer**.

Sentença: quero é vencer.

Pressuposição: quero X.

Asserção: X é identificado como vencer.

Foco: vencer

A formalização apresentada em (22) que a construção Foco Ser focaliza predominantemente um único termo da sentença. Observa-se que, na sentença *eu quero é vencer*, o foco incide sobre o argumento vencer, objeto de querer.

Para além da leitura focal que a construção Foco Ser evoca, é possível constatar que a construção, enquanto configurando uma estrutura marcada de foco argumental, veicula por *default* uma conotação contrastiva, como o fazem também as estratégias de clivagem do português (clivadas e pseudoclivadas). Observe-se o exemplo (23):

(23) Todo o empenho de jornalistas em postos importantes da casa – de Kamel a Merval, de Noblat a Míriam Leitão, de Bonner a Waack, isso para não falar de colunistas como Jabor e entrevistados frequentes como Demétrio Magnoli – foi insuficiente para convencer os eleitores a votarem como a Globo desejava que votassem. Isso é um dado importante e objetivo: esforço não faltou. **Faltou foi poder de persuasão. Faltou foi influência. Faltou foi um conjunto de argumentos** que fizessem sentido.



Aqui nota-se o contraste direto entre o que faltou e o que não faltou na tentativa de convencimento dos eleitores, o que se observa explicitamente pela presença e ausência do marcador de negação e pela enumeração enfática dos elementos que faltaram a despeito dos esforços envidados pelo referido canal de televisão. O paralelismo na repetição da mesma construção de foco remete à possibilidade de a construção servir para marcar também ênfase. Contudo, a leitura enfática não ocorre somente pela repetição da construção. Uma única menção pode veicular a interpretação enfática pretendida, o que se observa em (24):

(24) Sabem por que Renan Calheiros (MDB-AL) livrou-se de cinco pedidos de cassação do mandato em 2007, quando flagrado recebendo pensão para a filha de uma amante paga por uma empreiteira? Porque o voto era secreto. Sabem por que não foi destronado da presidência do Senado da República quando pilhado em negócios escusos e não explicados de compra de gado? Porque renunciou ao cargo. Virou réu confesso. Sabem por que não foi sequer julgado nas mais de 14 denúncias da Procuradoria Geral da República? Porque o Supremo omite-se. Os episódios vergonhosos que marcaram as atividades do Senado nos últimos 20 anos colocaram sua imagem “no chão”, no dizer do senador Álvaro Dias (Pode-PR). **Na realidade, está é no “fundo do poço”.**

Em (24), o autor do texto não está somente informando aos leitores que a reputação do Senado está em uma situação degradante, mas, sim, que a situação, em que o Senado está, é muito degradante. Pode-se perceber que, num primeiro momento, o autor informa que a imagem do Senado está no chão, de acordo com a fala de um dos integrantes da casa, para em seguida reformular a fala do Senador e utilizar a expressão “estar no fundo do poço”, combinada com a construção Foco Ser, para enfatizar o conteúdo da declaração do Senador.

A interpretação enfática pode, em alguns contextos, acentuar uma faceta intensificadora da construção, a depender de com quais elementos ela se combina. O exemplo (25) parece implicar uma leitura de que acima de tudo as crianças gostam de ficar com os pais⁶.

(25) Acho que eu estava em uma fase e muitas frutas quando adquiri estes brinquedos! E como não dá pra pensar em diversão com um livro delicioso, este aqui é “« Vamos=Comer?»», mistura de livro e brinquedo! Olha como é bacana por dentro! Vem com quatro quebra-cabeças, todos ligados a alimentos! Todos esses brinquedos custam pouco, mas incentivam e divertem muito. E um lembrete importante: criança **gosta é de ficar com os pais**. Independente do brinquedo, brinque com o seu filho. Leia para ele. Cozinhe com ele. Assim, o Dia das Crianças será inesquecível! Beijos e até mais!!!!

Quanto à ativação dos elementos focalizados, parece ser possível que os elementos sejam tratados como ativos, como mostra o exemplo (26), que retoma o exemplo (2), com mais contex-

⁶ Intepretação de intensificação também se observa no exemplo (20), em que alguns falantes de português interpretam o enunciado *foi é corajosa* como *foi muito corajosa*.

to. No exemplo, o elemento focalizado “vergonha alheia deles” retoma integralmente material linguístico mencionado no contexto imediatamente anterior, razão por que “deles” é marcado como um genitivo em referência anafórica.

(26) Foi maravilhoso... Mas como sofro de algo chamado “« Vergonha Alheia”», teve uma hora que tive de mim mesma. Tentei controlar a emoção. A *vibe* em que eu estava com certeza não era a mesma do pessoal ao meu lado. Muita máquina fotográfica e celular pra pouco calor humano, falta de emoção mesmo... Depois **fiquei foi com vergonha alheia deles**, ora bolas. Que plateia mais fria! Deve ser por isso que o U2 gosta tanto de tocar no Brasil. É mais visceral, animado, sincero...

Contudo, a tendência maior é que os referentes sejam geralmente tratados como inferíveis, como em (27). Em (27), como se fala em futebol, uma gama de conceitos é inferível por referência a time e treinador, inclusive o referente “título”. Exemplos que também codificam o elemento focalizado com inferível podem ser vistos em (23) e (24), como a presença de contexto pode ajudar a compreender.

(27) Com todo o respeito: acho que estão gastando muito dinheiro, montando time atrás de time, mudando de treinador que não era pra mudar, e sem falar no time de *master* que estão montando. **Nós queremos é título.**

Como a construção também permite a focalização de elementos que não configuram referentes, mas propriedades ou estados de coisas, podemos verificar que a tendência geral desses elementos é não terem sido mencionados no contexto anterior ou não exibirem *status* inferível, ainda que possam ser plenamente identificáveis via conhecimento de mundo, como demonstram os exemplos (20) e (21), retomados aqui com contexto ampliado, e como (28) e (29):

(28) Suzy Miller (Olivia Wilde) que foi esposa de Hunt e Marlene Lauda (Alexandra Maria Lara) de Niki. Ao ver este filme sinceramente tenho ainda mais admiração por mulheres de pilotos de aquela época. No caso da esposa do inglês, acho que ela **foi é corajosa de se envolver com um homem como ele que obviamente jamais poderia ser colocado dentro de um casamento**, dada a sua personalidade e seu comportamento.

(29) Não faz sentido você ter como principal palavra de ordem nas eleições a mudança e eleger para um terceiro mandato o atual presidente da Câmara. Seria contra a vontade da população. E precisamos de um novo perfil que saiba comunicar melhor as reformas de que o país tanto precisa, principalmente a previdenciária, que não foi aprovada na última legislatura, **foi é demonizada**, por falha de comunicação.

Em (28), o elemento **corajosa**, além de não ter sido mencionado em contexto anterior, é acrescido de uma oração encaixada que o complementa, tornando esse elemento extremamente



pesado. Em (29), o elemento **demonizada** nem foi mencionado no contexto anterior, nem é plenamente inferível a partir do contexto. O fato de não ter sido aprovada não enseja necessariamente a inferência de demonização.

4.3. Uma síntese

As subseções anteriores trataram de descrever a construção Foco Ser em termos de forma e função. Primeiramente, vimos que a construção configura um padrão [PRED SER FOC] e que a ordem é fixa entre a cópula focalizadora e o elemento focalizado, o qual deve estar em posição final, e relativamente rígida entre o predicador e a cópula, admitindo alguns elementos intervenientes, como no caso de construções de predicação complexa (verbos auxiliares, por exemplo) e construções de modificação verbal (no uso de advérbios).

O padrão [PRED SER FOC] pode se combinar com tipos variados de construções da língua portuguesa, focalizando um conjunto vasto de elementos gramaticais que podem ocupar funções sintáticas distintas. Contudo, o *corpus* não retornou sujeitos de orações transitivas sendo focalizados pela construção Foco Ser. Quando o sujeito era focalizado, o contexto era o de uma oração intransitiva, que admite com maior facilidade a inversão verbo-sujeito. Isso aponta para uma possível restrição na construção, em termos de focalização. Sujeitos de orações transitivas, no português, exibem maior propensão a serem tratados como foco e, conseqüentemente, menor tendência de ocorrerem em posição pós-verbal. Quando ocorrem após o verbo, tornam-se mais salientes e talvez o uso da construção Foco Ser possa se tornar desnecessário para fins de focalização, porque a inversão já seria marcadamente suficiente para uma interpretação focalizadora contrastiva.

Outro aspecto interessante da construção Foco Ser é a restrição na flexão da cópula focalizadora. O verbo *ser*, com função de foco na construção, ocorre sempre flexionado na segunda pessoa do plural e tende a ocorrer no presente ou no passado⁷. Quando não há correlação modo-temporal entre o verbo da oração focalizada e a cópula, esta ocorre sempre no presente. A maior restrição no uso da cópula, tanto no que diz respeito à concordância como no que diz respeito às possibilidades de correlação modo-temporal e a uma fixação do tempo presente, mostra um processo de construcionalização em curso (Traugott; Trousdale, 2013), com a transformação da cópula em uma partícula focalizadora.

Do ponto de vista funcional, a construção atende à função de marcar foco argumental, quando apenas um termo está sendo focalizado. Além disso, a construção assume forte valor contrastivo, enfático e, em alguns contextos, admite uma leitura intensificadora. Além disso, ainda que admita a focalização de elementos totalmente ativos no contexto discursivo, a construção parece focalizar mais recorrentemente elementos inferíveis ou inativos no contexto discursivo, ainda que plenamente identificáveis. Além de focalizar elementos substantivais e pronominais que codificam referentes do discurso, a construção também pode focalizar ele-

⁷ O passado se refere aqui ao pretérito imperfeito e pretérito perfeito. Como a busca para esta pesquisa restringiu-se a três tempos verbais, um trabalho futuro que incluísse mais possibilidades poderia ser interessante.

mentos participiais, adjetivos e verbos, que codificam propriedades e estados de coisas. Nesse caso, é mais provável que tais elementos sejam considerados inativos, pois configuram propriedades e estados de coisas que não foram mencionados previamente ou não costuma ser inferidos por alguma espécie de *frame*.

5. Considerações finais

Este artigo buscou descrever a construção Foco Ser como uma construção de foco do português, em uma perspectiva construcionista baseada no uso. A metodologia incorporou a pesquisa baseada em *corpus*, valendo-se do banco de dados Corpus do Português. Essa plataforma é bastante útil para pesquisas baseadas no uso, contudo, dado o seu grande volume, algumas medidas precisaram ser tomadas, de modo a restringir resultados falsos positivos, bem como assegurar um número de dados que possa ser administrado em um período relativamente curto, considerando um conjunto de analistas reduzido. Tais medidas incluem a restrição dos parâmetros de busca tanto para a sequência [PRED SER FOC] como em relação às informações morfológicas do predicador e da cópula.

As medidas de restrição da busca acabam por limitar as possibilidades de resultados obtidos para a construção, tornando as observações do pesquisador também limitadas a um contexto específico. Para esta pesquisa, as observações realizadas restringiram-se ao modo indicativo, nos tempos presente, pretérito perfeito e futuro do presente. Observações sobre se existe a possibilidade de essas construções serem utilizadas com outros tempos e modos verbais ainda carecem de investigação, o que já está em processo e será fruto de um relatório de pesquisa no futuro.

Uma questão que se demonstra promissora refere-se à testagem sobre a interpretação da cópula *ser* como uma partícula de foco e suas diversas possibilidades de manifestação, com base na inferência de falantes nativos de português, o que pode ser objetivo de uma pesquisa experimental no futuro. Compreender como os falantes de português interpretam sincronicamente a cópula no contexto da construção pode ser uma ferramenta útil para estabelecer o estágio de construcionalização do padrão [PRED SER FOC] com função focalizadora.

CONFLITO DE INTERESSES

O(A) autor(a) não tem conflito de interesses a declarar.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Maria Luiza; LEITE DE OLIVEIRA, Diego; BARBOSA, Elisiene de Melo. Gradiência e variação em construções de foco no português brasileiro. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 23, n. 47, 2013, p. 29-43.

BRAGA, Maria Luiza. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. **Matraga**, v. 16, 2009, p. 173-196.



CHOMSKY, Noam. Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation. *In*: Jakobson, Roman. and Kwamamoto, Shigeo. (eds.) **Studies in General and Oriental Linguistics**. Tokyo: T.E.C. Corporation, 1970. p.183-216.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar**. Oxford: University Press, 2001.

CROFT, William. **Morphosyntax. Constructions of the World's Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

DAVIES, Mark. (2016-) **Corpus do Português: Web/Dialects**. Disponível *online* em: <<http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>>. Último acesso: 29 de junho de 2024.

DIESEL, Holger. **Demonstratives, Form, Function, and Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

DIESEL, Holger. (2019) **The Grammar Network: how linguistic structure is shaped by language use**. Cambridge: University Press, 2019.

DIESEL, Holger. **The Constructi-con**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

FILLMORE, Charles; KAY, Paul; E O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of Let alone. **Language**, 64/3, 1988, p. 501-538.

GOLDBERG, Adele. **Constructions. A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at Work. The Nature of Generalization in Language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

JACKENDOFF, Ray. **Semantic Interpretation in Generative Grammar**. Cambridge, Masschusettes, London: MIT Press, 1972.

LAMBRECHT, Knud. **Information structure and sentence form. A theory of topic, focus, and the mental representations of discourse referents**. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, vol. 71, 1994.

LAMBRECHT, Knud. Constraints on subject-focus mapping in French and English. *In*: C. Breul, E. Göbel (eds.). **Comparative and Contrastive Studies of Information Structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, (2010, p. 77-100).

LONGHIN, Sanderleia Roberta. **As construções clivadas: uma abordagem diacrônica**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 1999.

OLIVEIRA, Diego Leite de. Gramática de construções, estrutura da informação e construções interrogativas: evidências do russo sobre um campo de pesquisa em aberto. **Gragoatá** (UFF), v. 27, p. 52-85, 2022.

OLIVEIRA, Diego Leite de. Construções pseudoclivadas em russo e em português: uma análise construcionista. **(Con)textos Linguísticos**, v. 11, p. 7-27, 2017.

PATTEN, Amanda. **The English it-cleft: A constructional account and a diachronic investigation**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012.

PEZATTI, Erotilde Goreti. Ordenação de constituintes em construções categorial, tética e apresentativa. **DELTA [online]**. 2012, vol.28, n. 2, p.353-385.



PEZATTI, Erotilde Goreti. Clivagem e construções similares sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 42 (1), p. 112-126, 2013.

PRINCE, Ellen. On the syntactic marking of presupposed open propositions. *In*: Farley, A; Farley, P; McCullough, K.-E. (eds.). **Papers from the Parasession on Pragmatics and Grammatical Theory, 22nd Regional Meeting**, Chicago Linguistic Society. p. 208-22. 1986.

